Revista Illustrada de Portugal e do Extrangeiro

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)....	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral doscorreios)	5$000	2$500	—$—	—$—

25.º Anno — XXV Volume — N.º 841

10 0 DE MAIO DE 1902

Redacção — Atelier de gravura — Administração

Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

OFFICINA DE IMPRESSÃO — RUA NOVA DO LOUREIRO, 25 A 39

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do Occidente, sem o que não serão attendidos.— Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

CANDIDO DE FIGUEIREDO

Se tivesse de escrever uma biographia declinava o encargo, porque não poderia dizer quando nasceu e se logo de creança manifestou grandes dotes intellectuaes como qualquer menino prodigio.

Não.

Apenas sei que é da Beira que se formou em Coimbra, e que ha bons trinta annos veio para Lisboa, mourejar nas letras, que não são as de cambio, e que por isso mesmo não enriquecem ninguem com os bens materiaes, que constituem hoje o ideial da civilisação, que volta aos tempos biblicos do Bezerro de Oiro.

Lêr, lêr, revolver bibliothecas, manusear classicos, estudar a lingua patria por entre o povo, nas officinas, nos centros de commercio, entre os profissionaes, consumir boa parte da existencia n'este investigar constante, tem sido a vida de Candido de Figueiredo, para produzir obra de tômo, o seu *Novo Diccionario da Lingua Portugueza*, em que recolheu cerca de quarenta e cinco mil vocabulos que andavam dispersos.

Já é boa bagagem para um homem de letras, mas tem ainda as *Lições Praticas da Lingua Portugueza*, em tres volumes publicados, obra que todos os dias vae augmentando, com as consultas que lhe dirigem sobre a lingua materna.

E o seu livro sobre comtemporaneos, os seus contos e narrativas, os seus artigos dispersos pelos jornaes e revistas, sommam um trabalho incançavel de merecimento superior, o que tudo lhe valeu de ha muito transpor os humbraes da Academia Real das Sciencias de Lisboa, e agora o ser admittido socio da Real Academia Hespanhola, honra de que aquella illustre corporação é avara e por isso raramente concede a estrangeiros.

Imperturbavel, sempre cavando em ruinas, Candido de Figueiredo vae em cada dia enriquecendo a litteratura portugueza com as producções do seu estudo illuminado pela grande luz do seu espirito.

CHRONICA OCCIDENTAL

Quando o sol começa a aquecer e as searas a aloirar, costuma a politica dar-nos descanço. Era costume velho. Agora mudou tudo.

Nunca tanto se fallou de politica, nunca houve nas galerias das camaras maior concorrencia, nunca as fantasias andaram mais inflammadas, ideando quedas, recomposições, ministerios de conciliação, dictaduras militares.

Acabou na camara dos deputados a discussão sobre o convenio, que vae agora correndo na camara dos pares.

Regeneradores, progressistas, nacionalistas com discursos, respostas, protestos, proclamações, em jornaes, replicas e treplicas, nunca tanto foram fallados, nem falaram tanto.

Tudo é politica; isto é vicio entranhado.

E gritam outros:—Fóra com os politicos!

Começou o paiz, em geral tão pacato, a apaixonar-se com a discussão. Principiaram a apparecer reclamações e a correr os boatos do costume em taes casos: A municipal está de prevenção, é de temer uma revolta militar; diz-se que mandaram desarmar o regimento n.º tantos; cai o ministerio com certeza; mas então quem vão chamar?

Mexe-se Coimbra, mexe-se o Porto; mexem-se os estudantes da Escola Polytechnica. Por toda a parte correrias de policia. Fervem telegrammas de Lisboa para o Porto, do Porto para Lisboa. O caso no Porto torna se bastante sério; seriissimo em Coimbra. Mas em tudo tem de haver uma nota alegre: os pequenos do Lyceu sahem para a rua e vão fazer a sua manifestação, dando uma volta ao Largo da Abegoaria. Foram presos dois ou tres e o Reitor ralhou com os outros.

Em Coimbra, porém, não foram resolvidas com a mesma paz as difficuldades, encontradas pelo reitor e auctoridades civis para conter os estudantes que desejavam reunir-se, como, parece, era seu direito d'elles, incontestavel.

D'ahi maiores protestos e o principio da lucta dos estudantes contra os policias, que se lhes quizeram oppôr.

Exaltaram-se os animos por forma que o governo se viu obrigado a mandar fechar temporariamente a Universidade, unica solução plausivel para o caso, no ponto a que se havia deixado chegar as coisas.

Fechadas as aulas, foram os estudantes intimados a sahir no praso de quarenta e oito horas, não sendo por emquanto sabido como será resolvida a questão dos exames, nem se o anno será dado como terminado em todos os cursos.

Quiz tambem feriado a rapaziada do Lyceu e tambem ella se revoltou.

Ha muito que em Coimbra os espiritos andavam irrequietos e, poucos dias depois da passagem do sr. Carrilho por aquella cidade, correu o boato de que a Universidade fecharia.

Ficaram apenas em Coimbra os rapazes que vivem com sua familia e com elles, infelizmente, o estudante Vasco de Quevedo, a quem uma bala estupida atravessou um pulmão.

O caso commoveu toda a gente e, com certeza, não atrahiu sympathias para o corpo de policia d'aquella cidade. Noticias posteriores demonstraram até que a pobre criança em coisa alguma se envolvêra nos tumultos

O facto cruel foi censurado por todos e não tem por fórma alguma desculpa a ordem dada—se o foi —de mandar disparar um revolver contra rapazes, demais exaltados talvez, mas que, por outros meios menos brutaes, seria possivel com certeza obrigar a entrar na devida ordem. A culpa vem de tão longe que é difficil dizer agora a quem pertence.

Mas até d'um caso tão de sentir a politica não deixou de aproveitar-se. Está vivo felizmente o estudante Vasco de Quevedo. Podia um engano infeliz dal-o por morto no primeiro momento; mas, ainda no dia seguinte, havia quem affirmasse a sua morte, pouco lhe importando o que tal noticia deveria doer a muitos corações, só com o fim de manter a exaltação dos espiritos e de favorecer argumentos.

E' devéras uma coisa má a politica, visto que por ella se esquecem deveres, obrigações de honra e os mais puros sentimentos.

Entretanto, no nosso paiz, é esse o campo de maior lucta e muito bellas intelligencias n'elle se teem inutilisado, com obras ephemeras, gloriolas de poucos momentos.

Vidas inteiras á politica se teem sacrificado; só pela politica muitos teem procurado o seu caminho, vendo lá no fim d'elle o ideal de suas ambições.

Falleceu, ha dias, em Lisboa, um dos homens que na capital pela politica mais caminhou: o Conde de Restello, antigo presidente da Camara Municipal de Belem, depois presidente da Camara Municipal de Lisboa. Rico pela sua industria de boticario, a politica absorveu-lhe a existencia, fel-o presidente da primeira camara municipal e grande do reino.

E aqui estamos, já em principios de maio, ainda de camaras abertas, ainda a falar de convenio e de paixões exaltadas. Não ha bocado de cavaco que uma ou outra nova, mais ou menos bem fundada ou parto de mais extravagante fantasia, não venha interromper, desviando as attenções para a politica, a politica sempre.

Pois realmente o calor já vai pedindo que se dê algum descanço ao espirito, já menos vigoroso para o raciocinio, ao corpo já menos capaz de gestos largos e elequentes.

Estamos em maio e no dia primeiro, conforme o costume dos outros annos, realisaram os operarios a sua manifestação, dirigindo-se o cortejo civico, Avenida acima, até ao tumulo de José Fontana no cemiterio dos Prazeres.

Dizem-nos que foi menos concorrido este anno do que nos anteriores; mas tudo foi em boa ordem.

Favoreceu-os o dia, que esteve esplendido. O inverno parece que definitivamente acabou em abril, sendo dos mais prolongados. O céo ainda tem feito a sua careta; mas a pujante vegetação das arvores, o cheiro das rosas em todos esses jardins, a alegria das alvoradas, affirmam-nos que devéras estamos em plena primavera.

As toiradas continuam e a Reverte deu ha dias, uma enchente á Praça de Algés.

Começaram os cirios tambem. Até agosto romarias não vão faltar. Da Senhora da Cabo ao Senhor da Serra teem por onde alegrar-se os devotos e os amadores d'essas lindas festas populares.

Outro symptoma de verão é a mudança de companhias que tem havido em muitos dos theatros de Lisboa e o já ninguem falar de peças novas este anno. Na Trindade está o Taveira, emquanto não parte para o Brazil; no D. Amelia, uma companhia de zarzuela, emquanto Rosas e Brazão representam no Porto ou andam em marchas triumphaes pelas provincias do norte; no grande Colyseu funcciona a companhia lyrica. Os theatros já pouco dão que falar de si, mais pensando no repertorio do proximo inverno, do que em defender se durante os mezes de calor em que vamos entrar.

Os estrangeiros marcharam por ahi dentro e conquistaram Lisboa. Para elles se viram as attenções de todos.

Foram primeiro os do Colyseu com as suas operas. Não lhes foi preciso grandes reclamos. Puzeram seus cartazes e o circo encheu se. Melhor ou peor cantada, é sempre barata uma opera por dois tostões. Por tão pouco tem um homem direito a ver expirar a Traviata, a ver o Trovador furioso porque lhe estão a queimar a mãe, berrar durante um quarto d'hora que corre a salval-a, a ver a Aida e o Rhadamés gritarem porque estão morrendo asphixiados, a ver o Vasco da Gama receber lições de geographia d'uma preta. Por dois nickeis não ha nada mais barato!

Os estrangeiros conquistaram Lisboa e não se contentaram com seu arraial das portas de Santo Antão, foram estabelecer outro ás portas de Santa Catharina, no theatro D. Amelia.

Os portuguezes renderam-se logo á zarzuela. Capitão general das tropas é o Nadal, que entre lusitanos conseguiu muito mais que D. João d'Austria e D. Luiz Mendes de Haro.

Sobre o assumpto não restam duvidas. Muito mais que com mosquetes e partezanas conseguem hespanhoes entre nós com suas comedias e corpos de baile. Entraram, venceram immediatamente, e não houve gritar aos vencidos que eram descendentes dos grandes heroes de Montijo e Montes Claros.

Quando cá venham não nos disparem tiros, mas habaneras e malagueñas. É conselho d'amigo. Lucramos todos.

João da Camara.

Segunda Exposição da Sociedade Nacional de Bellas Artes

Abriu no dia 15 do mez passado a segunda exposição da Sociedade Nacional de Bellas Artes. Assim vae cumprindo o seu programma e animando a pobre arte nacional, tão falta de protecção, que só a forte vontade dos artistas reage contra a indifferença de muitos que por sua posição, parece se deviam interessar por todas as manifestações da arte, como uma das melhores riquezas d'um paiz, mas a quem falta seguramente a illustração necessaria para descerem suas vistas sobre estas bagatellas de que mal comprehendem o alcance.

Reagindo, reagindo, lá se succedem as exposições d'arte, mais abundantes, mesmo concorridas, mas onde ha sempre que notar, onde sempre um raiosinho de luz dá signal de que a arte ainda não se estenguiu na terra de Camões, e quando para o seu paiz passa indifferente, vae lá fóra conquistar honrosos premios, como consoladora recompensa de tantos desalentos accumulados.

Para confirmar isto lá encontramos na exposição as telas de Columbano, onde se destaca o quadro de *Santo Antonio*, que em Paris teve a medalha de oiro.

Os quadros de Malhôa artista consagrado no estrangeiro, com uma segunda medalha na exposição de Madrid e uma mensão honrosa no *Salon* de 1901 ao seu bello quadro *A volta da Romaria;* mas superior a este são os seus retratos, donde se destaca superiormente o retrato do sr. Antonio Novaes, que é um quadro de museu, que podia ser firmado por Vellasquez.

Outro artista distinguido no *Salon*: Velloso Salgado, que n'esta exposição se limitou a apresentar quatro magnificos retratos, que é até onde chega o apreço do nosso publico em coisas de pintura que lhe levem dinheiro a trouco de lhes lisonjear a vaidade.

Numerosa exposição de Carlos Reis; bons pedaços de paisagem em que se destaca um quadrinho *Caminho da fonte* que o jury premiou com uma 1.ª medalha.

Sempre de boa pintura os quadros de Condeixa, são para notar *Esperando a maré* e *Sobre os rochedos*.

Effeitos do outomno e *Recanto do Tejo*, de João Vaz, outro artista premiado em Paris, são dois quadros apreciaveis, de muita côr e luz especialmente o segundo.

Uma noite de verão é uma deliciosa tela de Domingos Costa.

Henrique Pinto, cujas obras já figuraram na exposição de Paris de 1900, onde obteve uma mensão honrosa, apenas concorreu com um quadro, *Na lareira*, e que El-rei D. Carlos adquiriu.

Duas cabecinhas, *Manoel e Maria* são pacientemente pintadas por Almeida e Silva, que na exposição de Paris de 1900 tambem teve mensão honrosa.

De Antonio Candido da Cunha, discipulo da Academia de Bellas Artes do Porto, de Paul Laurens e Benjamin Constant, premiado com 2.ª medalha do *Gremio Artistico* e na 3.ª Exposição de Paris de 1900, é para notar o seu quadro *Ultimos raios do sol*.

Festeiros de Christino da Silva, é um dos melhores quadros d'este artista que muito tem progredido.

Bom effeito de pôr o sol apresenta o quadro de Galhardo, *Ali está tua mãe*.

E de amadores notaremos uma cabeça de criança, *Estudo* de D. Virginia Santos Avellar; *Uma decoração para piano* de D. Emilia Adelaide dos Santos Braga; *Retrato do sr. J. S. Bandeira*, pintado por D. Laura Sauvinet Bandeira; estudo interior, que no catalogo tem o n.º 57 de Miss. M. Beatrice Kerry, que bem mereceu uma mensão honrosa; e de Torquato Pinheiro um retrato, *O esculptor Bernardino Reaes na sua doença*.

*
* *

Suas Magestades, sempre dedicadas ás artes, vieram mais uma vez honrar a exposição com as suas obras, expondo El-rei um primoroso pastel *Ao cahir da tarde*, paisagem do Tejo abaixo de Villa Franca; e a Rainha Sr.ª D. Amelia, umas deliciosas aguarellas e desenhos a lapis, que bem mostram quanto merece á Augusta Senhora o culto da Arte.

Na mesma sala onde figuram estas obras, encontram-se bem representadas o pastel e a aguarella sendo para notar as aguarellas de Casanova, que obteve a 1.ª medalha, e um retrato a pastel, de Malhôa que tambem foi premiado com uma 1.ª medalha.

A esculptura figura em quasi todas as salas e logo na primeira podemos admirar os bellos altos relevos de Costa Motta, medelos dos que figuram no monumento a Affonso Albuquerque e que foram agora premiados com 1.ª medalha. Um busto de uma velha, *Estudo*, de Costa Motta sobrinho, e *Gravoche* de Francisco dos Santos discipulo de Simões d'Almeida.

A architectura está bem representada pelo architecto Rozendo Carvalheira, que expõe as plantas e alçados do Sanatorio Sant'Anna, em construcção nas proximidades de Carcavellos. Projecto de um caes, por José Alexandre Soares; projecto de um quartel, por Frederico Evaristo da Silva Gomes; e projecto de um casino, por Arthur Manoel Rato.

Em arte applicada vê-se um lindo lenço de renda, obra de D. Maria Augusta Bordallo Pinheiro, uma artista gloriosa cujos trabalhos meréceram uma medalha de oiro na Exposição de Paris de 1900.

Um bordado a matiz de D. Emilia Teixeira dos Santos, verdadeira obra d'arte que foi distinguida com mensão honrosa.

Pintura em porcelana de M.elle Hel Eisenbart.

Obras de cinzel em prata e em oiro, por Emilio da Silva Carvalho.

Gravura em vidro, uma grande chapa com as armas de Bragança e Orleans, trabalho notavel de Manoel Francisco dos Santos, da rua Ivens.

E n'esta rapida passagem pela exposição, foi o que podémos notar, deixando-nos a agradavel impressão de que se não é mais numerosa que em outros annos, tem a compensação de ser mais valiosa e selecta.

X.

O Real Theatro de S. Carlos de Lisboa

(Continuado do numero 839)

Nos proprios concertos se deu este lastimavel facto; assim a *Missa de Requiem*, de Verdi, que foi muito bem executada, pelos cantores e tocadores, no 3.º concerto, não só com a necessaria justeza, mas com o devido colorido, no 4.º concerto, em que se repetiu, a sua execução foi banal e incerta; nem pareciam que estavam ali os mesmos executantes do concerto anterior.

A distribuição dos espectaculos pelos assignantes foi muito desegual; assim os assignantes de todas as recitas impares, ordinarias e extraordinarias, deixaram de ter nas suas noites, as seguintes operas: *Roberto-il-diavolo, Traviata, Ballo in maschera, El duo de la Africana, Cavalleria rusticana, Figlia del regimento;* qualquer cousa servia de pretexto para recitas fóra das assignaturas, e se os assignantes queriam assistir a esses *hors-d'oeuvres*, tinham que ficar com os seus logares pagando pelos preços avulsos! taes foram; a recita em homenagem a Verdi, a audição do violinista Jacques Thibaud, do tercetto da opera *I. Lombardi*, etc., etc.

Alem da má execução que, por vezes, tiveram as operas, e diversos trechos, já pelos cantores já pelos instrumentistas, accresceu que as operas foram mutiladas muitas vezes, e sem nenhum discernimento.

Sendo Governador civil de Lisboa, José de Azevedo Castello Branco, entre outras medidas policiaes importantes, foi decretado (em 1900) um regulamento para os theatros, em que se continha uma sensata disposição, prohibindo que os espectaculos se prolongassem alem da meia noite, sendo multadas as emprezas quando se désse a contravenção; de modo que no Theatro de S. Carlos deviam nesta epocha começar os espectaculos das $7 \frac{1}{2}$ ás $8 \frac{1}{2}$, conforme a extensão da opera, para não terminar depois da hora regulamentar; pois a auctoridade dispensou o theatro de S. Carlos de cumprir o regulamento, podendo acabar depois da meia noite, e d'esta concessão illegal e odiosa por ser exclusiva, se fazia gala nos proprios cartazes! começando os espectaculos muito tarde, e fazendo-se longos intervallos; apesar d'isso muitas pessoas deixavam de assistir ao principio do espectaculo, por muito tarde

que começasse! o que justificava ainda mais a medida adoptada pelo Governador civil.

A tolerancia da auctoridade não se limitava a esta infracção do regulamento; deixou cortar trechos inteiros nas operas, e até actos inteiros foram suprimidos; assim nesta epocha foi supprimido o 3.º da opera *Gli Ugonotti*, abuso já commettido em epochas anteriores, mas, refinando nesse deprimente caminho, foi tambem supprimido o 5.º da opera *L'Africana!*

Com franqueza devemos dizer que não é o emprezario o culpado de todo esse vandalismo de côrtes, de execução de operas de empreitada, e da anarchia dos espectaculos; são as auctoridades, e mais que estas o publico, isto é os assignantes, porque estes constituem o verdadeiro publico de S. Carlos; em quanto estes, por moda, ou por qualquer outra causa, correrem a ficar com os seus logares para quantas recitas de assignatura, ou fóra de assignatura, a empreza se lembrar de dar, não é de esperar que haja grandes melhorias no decorrer das epochas lyricas.

Diremos que neste assumpto quem nos merece mais sympathias é o emprezario; pela sua intelligencia e habilidade em aproveitar todos os elementos de que poude tirar partido, tanto nos artistas, como nas auctoridades, e principalmente no publico.

Comtudo a companhia lyrica possuia elementos valiosos; contavam-se muitos artistas de merecimento, entre os quaes algumas celebridades artisticas. Na maior parte os cantores d'esta epocha lyrica eram já conhecidos do publico lisbonense: Theodorini, Bellincioni, Darclée, De Lerma, Mantelli, Martelli, De Marchi, Garbin, De Luca, Menotti, Perelló, eram já velhos conhecimentos dos frequentadores do theatro de S. Carlos; alguns d'estes cantores já estavam em ruinas; tal era, por exemplo, a Theodorini. Fazia afflicção ouvil-a, na *Gioconda*, unica opera em que cantou, outrora seu cavallo de batalha, fazendo esforços inauditos para entoar certas notas agudas, sem comtudo conseguir firmal-as com justeza. A *Gioconda*, a melhor composição do maestro Ponchielli, não teve d'esta vez, em Theodorini, a grande interprete de outros tempos.

O maestro Amilcare Ponchielli falleceu, em janeiro de 1886, tendo apenas 51 annos de edade; havia nascido em Paderno Fasolaro, na Lombardia, em 1 de setembro de 1834.

A Mantelli que reappareceu nesta epocha tinha já a voz estragada, mas tinha adquirido maior perfeição no canto e sobretudo mais acção; desempenhou a *Carmen*, contra o que se esperava, com grande perfeição de detalhes; esta opera estava-lhe muito bem na voz; foi uma das melhores interpretes da opera de Bizet. Tinha casado em segundas nupcias com o mestre de canto Fernando de Angelis.

Eugenia Mantelli desejava desempenhar, em algumas recitas, o papel de pagem na opera *Gli Ugonotti*, em que tanto tinha agradado quando veiu pela primeira vez ao Theatro de S. Carlos, em 1883, tendo agora um lindo *costume* novo para exhibir; mas Giaconia, a quem tinha sido distribuida aquella parte, rompeu em queixumes e supplicas, e conseguiu que alguns *habitués* do theatro obtivessem da Empreza que retirasse a concessão feita a Mantelli, de modo que esta só poude apresentar a *vestimenta*, em publico, na noite da sua festa artistica em 5 de março, em que, para isso, cantou expressamente a aria do 1.º acto d'aquella opera. Devemos accrescentar que Mantelli desempenhava muito bem aquella parte, emquanto que Giaconia era muito incorrecta e semsaborona.

Dos novos artistas, que pela vez primeira, appareceram na scena de S. Carlos nesta epocha, citaremos o tenor Biel, que tinha bellas notas agudas, mas que era fraco cantor, e o soprano Del-Frate que não figurava no elencho, cantora de antiga escola, com algumas notas de um timbre agradavel, e detalhando muito bem o canto largo, mas pouco correcta, e incerta na affinação algumas vezes.

A empreza apresentou nesta epocha duas operas novas, *Tosca* de Puccini e *Iris* de Mascagni, e a oratoria *La Resurrezzione di Lazaro*, de Perosi.

A *Tosca* é uma opera de forma moderna; possue poucas melodias, com alguns bonitos trechos de instrumentação, mas muito abaixo do que exige o enredo tragico tirado do drama de Sardou; assim, por exemplo, na scena em que Tosca dá com a vista na faca, que está sobre a mesa da ceia do chefe da policia romana Scarpia, o que lhe suggere a ideia de matar este antipathico personagem, durante a scena muda que dura alguns minutos, cabendo neste tempo á orchestra dar a expressão dramatica da situação, a composição de Puccini é de uma chateza infima. Teve esta opera por interpretes successivamente, Darclée e Bellincioni; a primeira sobresaia pela voz e a segunda pela acção; em uma opera sem exigir grande virtuosidade no canto, é claro que a declamação dramatica é que se torna mais necessaria. Tambem foi desempenhada successivamente pelos tenores De Marchi e Garbin; este era muito melhor cantor e actor que o primeiro. O barytono Menotti, apesar de arruinado, foi magnifico na acção e caracterisação.

(Continúa) *F. da Fonseca Benevides.*

A ESCHOLA DE ENFERMEIROS

(Apontamentos para a historia do ensino profissional)

(Concluido do numero antecedente)

Accedendo á louvavel proposta do dr. Thomaz de Carvalho, creou o governo o curso de enfermeiros, por Dec. de 29 de janeiro de 1886. Nomeado professor o dr. Arthur Ravara, abriu o novo curso, que o Enfermeiro-mór regulamentou, em 26 de janeiro de 1887.

Constava o curso de 40 lições no Hospital de S. José, 40 no de D. Estephania e 20 em cada um dos hospitaes do Desterro e Rilhafolles. Os empregados dos hospitaes assistiam em dois turnos, e ás lições eram admittidas gratuitamente pessoas extranhas, habilitadas com o curso de instrucção primaria, que n'aquelle curso se houvessem matriculado.

Deficiente e mallogrado exito teve o instituto, apesar de bem largas, e de bem longo alcance, serem as vistas do seu fundador. Vulgarmente succede entre nós, não chegarem as mais uteis e prestimosas instituições a ser comprehendidas siquer por aquelles que d'ellas derivam maior proveito e beneficio. Tal foi o destino da eschola de enfermeiros. Foi decahindo, ao abandono, até que apregoada a sua inutilidade a supprimiram. Felizmente, transcorridos quasi vinte annos, resurge aquelle instituto de ensino profissional, sob a vigorosa e incansavel iniciativa de um homem cujo nome ha de ficar lendario na historia da beneficencia hospitalar portugueza.

O sr. dr. Curry Cabral investido no cargo de Enfermeiro-mór dos hospitaes civis, tem conseguido singela e serenamente, com a inalteravel simplicidade da sua bem intencionada e devotadissima administração, lançar as bases de uma reorganização geral financeira, economica, scientifica, moralisadora e caritativa dos serviços de beneficencia cuja gerencia lhe foi confiada.

Havia nos hospitaes uma tradição de notavel energia governativa e organizadora, na memoria do antigo Enfermeiro-mór Sequeira Pinto, como na historia geral da beneficencia portugueza se conserva ainda hoje viva a lembrança do papel glorioso que desempenhou a sábia e provida administração de José Maria Eugenio de Almeida, na Casa Pia de Lisboa.

Outro portuguez illustre, firmou no Brasil, sua segunda patria, de cuja independencia foi um dos heroes, indelevel memoria da mais notavel administração de estabelecimentos de beneficencia, concitando em torno de si nos ultimos tempos da sua vida a estima, a bemquerença e a admiração geraes. Falamos de José Clemente Pereira, esse anjo de bondade, modelo de virtudes, de dedicação, de bom senso e de justiça que elevou ao mais acrisolado grau de perfeição a antiquissima Misericordia fluminense, de que foi Provedor, e empregou no serviço da humanidade, das mais pias e caritativas instituições, todas as suas forças, dedicação, influencia pessoal e politica, unicamente preoccupado no aperfeiçoamento e alargamento da beneficencia publica, de que elle foi por certo o mais ardente, acerrimo e enthusiastico propugnador.

O imperador do Brasil, amigo e admirador das virtudes do benemerito portuguez, mandou-lhe erigir uma estatua de marmore, em pedestal fronteiro á sua, no hospicio de Pedro II, em 1854.

O sr. dr. Curry Cabral segue as pisadas d'estes heroes da sacrosanta causa da beneficencia. A's superiores qualidades — abalisada sciencia, acertado criterio, dedicada solicitude, bondosa indole, requintada delicadeza, inquebrantavel tenacidade e assiduo trabalho, reune o actual Enfermeiro-mór uma faculdade, que a todas sobreleva, e que tão rara se póde considerar na raça portugueza, — o bom senso administrativo.

Esse tacto de governar, que nunca possuimos desde os tempos aureos da nossa historia, essa rara pericia que caracteriza as raças do norte, e de que entre nós, em elevada plana, foi exemplar talvez unico, o grande Marquez de Pombal, esse feitio que poucos comprehendem e exercitam, possue-o o actual Enfermeiro-mór, e d'elle tem dado exhuberantes provas na sua curta gerencia hospitalar. As suas reformas, que tem transformado radicalmente os velhos processos administrativos, feitas com laboriosa tenacidade, ouvindo não só um ou outro oraculo, fallivel ou enganador, mas sim todos os interessados, todos os conhecedores de cada assumpto, de todas as espheras e classes, e empregando a propria observação dos factos, por elle proprio acompanhadas, dirigidas, vigiadas de perto, constituem um acontecimento notavel na vida portugueza, que cumpre pôr em relevo.

O sr. dr. Curry Cabral tem mostrado que a sua bôa administração não consiste apenas nas economias que realizou, e que a menor das suas glorias é por certo o equilibrio financeiro dos orçamentos; a sua excellente gerencia traduz-se principalmente no melhoramento dos serviços sob o ponto de vista scientifico e sob o ponto de vista moral; no accrescimo da beneficencia largamente concedida, e na elevação do nivel de reputação do antiquissimo instituto de caridade, que lhe confiaram.

A ultima d'essas reformas foi a nova creação do curso de enfermeiros, que os jornaes referiram, dando nos a tal respeito os seguintes curiosos pormenores:

«Essa escola já funcciona, dividindo-se em dois cursos, um professado no hospital de S. José, sob a direcção do sr. dr. Ernesto Farinha, e outro na Estephania, dirigido pelo sr. dr. Antonio Ferraz de Macedo.

«O regulamento da escola acaba de ser elaborado e approvado, sendo dois os cursos: um ordinario, que se compõe de parte doutrinaria e de parte pratica, e outro completo, constituido por aquelle e por mais um anno de pratica em enfermarias de qualquer dos hospitaes civis.

Neste anno lectivo as lições continuam como estavam, isto é, divididas em dois turnos: um no hospital de S. José, ás segundas, quartas e sextas feiras, e outro no hospital Estephania, ás terças, quintas e sabbados.

«O anno lectivo começa na primeira quinzena de outubro e termina em 20 de agosto.

«O programma do curso é o seguinte: noções geraes de anatomia e physiologia; noções geraes sobre os micro-organismos; hygiene; conhecimento dos instrumentos de cirurgia mais usados e noções geraes sobre os medicamentos para uso interno e externo, cuidados e operações de enfermagem; noções de pharmacia e de cosinha para doentes; e pratica de todos os serviços que o enfermeiro tem de dirigir e executar.

«O praso para a matricula na escola profissional de enfermeiros é de 10 e 25 de setembro. Os interessados teem de entregar os seus requerimentos na secretaria da administração dos hospitaes, acompanhados de certidão de edade, documento em que provem saber lêr, escrever e contar, passado por algum estabelecimento official de instrucção ou professor particular, e certidão de bom comportamento e de ter robustez necessaria para o exercicio da profissão a que se propõem.

«O jury dos exames é composto pelos dois professores do curso e por um facultativo dos hospitaes, lavrando se um termo, do qual ficará o resultado. Do exame serão passados diplomas e certidões, quando requeridos pelos alumnos.»

E' ocioso elogiar esta instituição de ensino. Nós quizemos apenas nesta noticia relembrar a iniciativa do dr. Thomaz de Carvalho, e ligar as palavras calorosas da sua representação ao definitivo estabelecimento do ensino que elle sonhára, realizado dezeseis annos depois pelo seu não menos illustre successor.

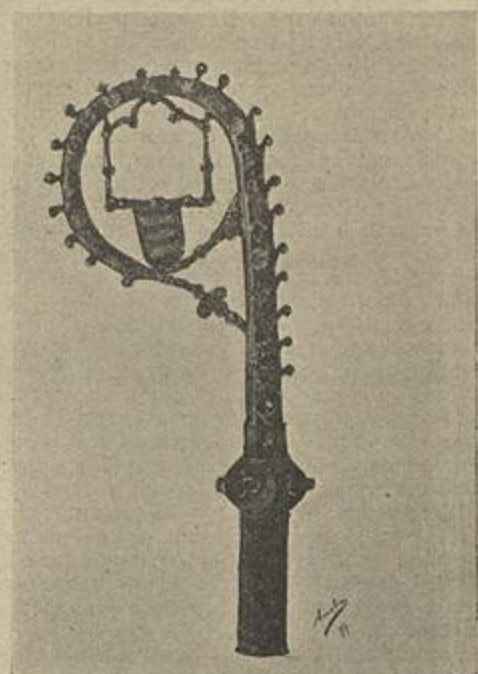
Abril, 1902. *Victor Ribeiro.*

METEOROLOGIA POPULAR

PARTE II

Novembro. Persistiu em todo o mez, a estiagem. Com relação á temperatura, esta foi baixando gradualmente de 1 a 30, sem grande affastamento da normal.

Dezembro. Um unico dia de chuva notavel, em 31, o qual produziu 19mm,0. Em todo o resto do mez, apenas, em 16, se registou, no pluviometro, 0mm,1 de agua, quantidade minima. O outomno de 1883 foi, por conseguinte, o mais secco de todos aquelles que estamos estudando (1880-1901)

AO CAHIR DA TARDE — Pastel de S. M. El-rei D. Carlos

BACULO DO CONVENTO DE SEMIDE
Aguarella de S. M. a Rainha D. Amelia

ALCACHOFRA — Aguarella de S. M. a Rainha D. Amelia

A VOLTA DA ROMARIA — Quadro do sr. José Malhôa

NA LAREIRA — Quadro do sr. Manoel Henriques Pinto

RETRATO DO SR. DR. EDUARDO DAVID E CUNHA — Do sr. Almeida e Silva

UMA NOITE DE VERÃO
Quadro do sr. Domingos Costa

TOMADA DE MALACA — Alto relevo destinado ao monumento de Affonso d'Albuquerque
Do sr. A. A. Costa Motta

RAPTO DE GANYMEDES — Esculptura do sr. Fernandes de Sá

FESTEIROS — Quadro do sr. João R. Christino da Silva

LENÇO DE RENDA (ESTYLO MODERNO) — Da Ex.ma Sr.a D. Maria Augusta Bordallo Pinheiro

Em compensação, o frio accentuou-se extraordinariamente n'este mez (min. 1°,6, em 9).

1884

Janeiro. Fortes chuvadas deram principio ao anno (Em 2, 28^{mm},6), com uma alta de temperatura fóra do vulgar, a qual se manteve até 8. O thermometro attingiu uma altura. sem precedentes em janeiro. No dia 4, a maxima chegou até 19°,0, a mais alta de todo o mez, e em 7, 18°,5, realmente excessiva, em relação á normalidade. A partir de 9, um resfriamento subito, como era de prevêr, foi notado, chegando, em 20, a ser observado um minimo de 0°,2. No emtanto, as maximas foram relativamente elevadas. De 20 a 23, a pressão conservou-se altissima. (Em 20, 777^{mm},6, em 22, 777^{mm},5 e em 23, 777^{mm},6).

Fevereiro. Bastante chuvoso (vinte e um dia de chuva). As maiores quedas de agua foram observadas em 7, 20^{mm},7, em 10, 17^{mm},8, em 15, 16^{mm},5 e em 17, 25^{mm},4. Temperatura normal.

Março. Até 17 de março, persistiu o regimen chuvoso, com temperatura normal. Em 10 e 11, as chuvas foram torrenciaes (45^{mm},6 e 39^{mm},8). A partir de 17, grande elevação de temperatura que se conservou até 24, começando, então, um pequeno periodo de chuvas até 29.

Abril. Foi o mez de maiores chuvas de todo este anno meteorologico. A temperatura esteve sempre abaixo de normal. (Maxima do mez: 18^{mm},6, a menor, em abril, se exceptuarmos a que foi observada, ao anno de 1895, de que fallaremos opportunamente). Os dias de maior chuva foram: em 1, 41^{mm},1, em 3, 27^{mm},5, em 4, 21^{mm},7, em 8, 25^{mm},2, e em 21, 28^{mm},2

Maio. Ao contrario do que succedeu em abril, maio foi muito secco, dando-nos só 3^{mm},9 de chuva. A temperatura foi, em todo o mez, normal (max: 26°,7, min.: 9°,4).

Junho. Um unico dia de agua em todo o mez, com uma quantidade insignificante (0^{mm},3). A temperatura tornou-se elevada a partir de 11, sendo para notar a grande baixa thermometrica, na noute de 3 para 4 (min.: 10°,0, sem precedentes n'este mez).

Julho. Quente quasi todo o mez de julho, sobretudo a partir de 19. Um periodo regularmente chuvoso foi notado de 9 a 12 (7^{mm},5) com temperaturas baixas, sendo importante a considerar as temperaturas maximas dos dias 9 e 10, respectivamente eguaes a 19°,9 e 20°,1, das mais baixas maximas conhecidas n'este mez.

Agosto. Persistiu, em quasi todo o mez, o calor excessivo, com um maximo de 36°,6 em 5. Alguns relampagos e trovões de 25 a 28.

Setembro. Muito chuvoso em relação á epoca, notando-se trovoadas fortes. Em todo o mez, o pluriometro accusou 40^{mm},2 de chuva.

Outubro. Bastante quente a primeiro semana e temperado, o resto do mez, mas de pouca chuva (30^{mm},6 de agua).

Novembro. Frigidissimo todo o mez, um pouco, fora do normal (min.: 1°,8, uma das mais baixas temperaturas d'este mez). A chuva foi muito escassa, visto que só cahiram 8^{mm},4 em todo o mez, o mais secco de todo o periodo que analysamos, se exceptuarmos o anno de 1890.

Dezembro. Tempo nublado mas secco até 22, e chuvas consideraveis a partir d'este dia até ao fim do anno. Temperatura normal, com alguns dias de frio, pouco accentuados.

1885

Janeiro. Embora o anno debutasse com um dia frigidissimo e formoso, todo o mez foi de chuvas violentissimas, mas de temperatura baixa, notando-se em 2 18^{mm},5, em 20 31^{mm},1, em 21 19^{mm},3, em 22 29^{mm},6, em 25 15^{mm},1, em 29 15^{mm},5, em 30 17^{mm},6 e em 31 28^{mm},4. De importante ainda a considerar, a temperatura que se manteve de 14 a 18, com maximas respectivamente eguaes a 8°, 6°,1, 6°,1, 6°,9 e 9°,9 e minimas de 3°,4, 0°,8, 0°,1 abaixo de zero e 2°,5. Foi um dos Janeiros mais agrestes.

Fevereiro. Como o seu antecessor, foi, este mez, de chuvas torrenciaes e grandes trovoadas. (Em 1 15^{mm},8, em 3 55^{mm},6). Um periodo de bom tempo e quente, de 9 a 15, com um maximo egual a 19°,6. Novamente as chuvas começaram em 15, durando até 20, data em que, de novo, começou o bom tempo que persistiu até 28.

Março. Chuvas constantes até 20, com temperaturas normaes. Os dias de maiores aguaceiros foram: em 5 10^{mm},7, em 8 14^{mm},3 e em 9 14^{mm},3. A partir d'este dia, conservou-se o bom tempo apenas perturbado por alguma chuva em 31, mantendo-se a temperatura a um nivel inferior á normal.

Abril. De muita chuva, acompanhada, por vezes, de trovoadas. Temperaturas muito baixas, em relação á epoca.

Maio. Brusco e chuvoso, até cerca do meiado do mez. De bom tempo e calor moderado, a partir de 15. Um unico dia muito quente, em 31 (max. 29°,2).

Junho. N'este mez, registaram-se dez dias chuvosos (24^{mm},3), o que é pouco vulgar n'este mez. Trovoada em 18, com chuva torrencial (15^{mm},8).

Julho. Secco e de temperaturas baixas. Em todo o mez, o thermometro não attingiu 30°. De 1 a 5, os minimos foram sempre inferiores a 15°, e em 3, a maxima não excedeu 19°,3.

Agosto. Pouco calor, excepto de 15 a 18, notando-se em 16 e 17, maximas respectivamente eguaes a 37°,4 e 37°,8. Grande depressão barometrica de 25 a 28, produzindo em 27,28^{mm},8 de agua, quantidade pouco vulgar n'este mez. A altura barometrica de 751^{mm},6 notada n'esse dia, é a menor que se tem presenceado n'este mez.

Setembro. Como quasi que uma consequencia do mez de Agosto ser chuvoso, Setembro foi de grande estiagem, mas quente.

Outubro. Pouca chuva. Um unico dia de grandes aguaceiros, em 18 (18^{mm},8). Temperaturas baixas, comparativamente ao normal.

Novembro. Chuvas torrenciaes e persistentes em todo o mez. (Em 12 15^{mm},4, em 16 30^{mm},3, em 17 10^{mm},7, em 20 23^{mm},4, em 23 14^{mm},4 e em 24 24^{mm},5). Extraordinaria baixa thermometrica, na noute de 9 (min. 4°,5), e um dia de frio sensivel, em 30 (max. 9°,7).

Dezembro. Continuaram as chuvas a serem insistentes. Temperatura irregular em todo o mez, e muito alta na semana de 8 a 14.

1886

Janeiro. Um tempo precioso e frio deu principio ao anno, o qual se prolongou durante a primeira quinzena, com alternativas de frio e alguns chuviscos. A partir de 17, as chuvas cahiram com abundancia. (Em 20 10^{mm},5, em 23 41^{mm},2 e em 24 10^{mm},8). Maxima temperatura 14°,5, a menor maxima conhecida n'este mez.

Nota. A fl. 91. Col. 3.ª Linha 112, onde se lê: o mez de agosto mais suave, leia-se: o verão mais suave.

(Continua.)

Antonio A. O. Machado.

A CABEÇA DO MORTO

(Hugh Conway)

As pessoas de imaginação, que inventam historias maravilhosas, podem tomar as liberdades que queiram; mas quem singellamente escreve um conto, nada vale se não é veridico.

Assim, antes de emprehender esta narração, revi antigas correspondencias e notas de toda especie tomadas na epocha em que occorreram os successos que seguem. O primeiro papel que abri era uma carta. Julgo conveniente começar, transcrevendo essa carta:

«Meu querido irmão:

Encontrei emfim o que mais ambicionava. Uma mulher adoravel! uma companheira dedicada, a unica que para mim existe no mundo! Nada ainda está decidido, mas não empregaria esta linguagem, se não considerasse já a esperança como certeza. Deves felicitar-me, embora ella seja viuva e americana, qualidades que te não agradarão, bem o sei. Mas quando a vires, mudarás de opinião e ter-me-has inveja.

Claudio Morton.»

O auctor era meu irmão. Ia a dizer meu unico irmão. Em tempo tive outro; mas, quanto menos d'elle se fale, melhor.

Quasi não ha familia que não tenha a sua *ovelha ronhosa.* A nossa tambem a tinha. Quando meu irmão morreu, ha já alguns annos, passei a esponja pela enorme lista dos seus erros e dilligenciei pensar n'elle com a maior caridade possivel. Morreu, como um perdido, n'um paiz longinquo.

Esta ovelha ronhosa chamava-se Stephen; era meu irmão, mas não de Claudio, e não, porque quasi pode dizer-se que não o conheceu. Pela edade estava eu entre os dois. Claudio tinha dezeseis annos menos que Stephen, de sorte que, quando este ultimo foi desterrado como incorrigivel, era aquelle uma creancinha de sete annos, com os seus cabellos dourados.

A carta causou-me a um tempo prazer e desgosto. Considerava-me feliz por saber que este rapaz (aos meus olhos era sempre uma creança, embora tocasse já os vinte e sete annos) estava para casar-se. Mas entristecia-me o não ter escolhido uma das suas compatriotas, uma mulher que lhe desse o seu primeiro amor. Quanto ao mais era negocio d'elle.

A escolha sem duvida era boa; a unica cousa que me cumpria fazer era enviar-lhe as minhas felicitações e desejar prompta e feliz solução aos seus amores.

Passou uma semana. Recebi uma carta bastante extensa. Já tinha feito o seu pedido em forma e fôra acceito. Essa carta está aberta deante de mim, e sinto-me bem triste ao ler as quatro paginas cheias por completo no enthusiasmo de um enamorado.

Não sou homem interesseiro. Emtanto confesso que soffri certo desgosto ao saber que a noiva era pobre. De ordinario associa-se, não sei porque, a idéa da riqueza ao nome das viuvas americanas que vivem em Inglaterra. Mas, pelo que via, a sr.ª Despard, ou Judith, nome que Claudio lhe dava, não tinha bens. Vivia só em Londres. «Esta situação, dizia elle, apressará necessariamente o nosso casamento.» Pedia-me, em ultimo logar, que désse uma volta pela metropole para conhecer a minha futura cunhada.

Tinha muito que fazer n'aquella occasião. De passagem, posso dizer que o meu officio é curar doentes e não contar historias. Todavia achei meio de fazer uma curta e rapida visita á cidade, e fui devidamente apresentado á noiva de Claudio.

Era formosa, não havia duvida, notavelmente formosa, muito acima do commum: alta, admiravelmente contornada, em escala grande de mais talvez, mas com a graça felina da panthera em todos os seus movimentos. No rosto tinha impresso o sello do caracter, da força, da resolução, e da paixão tambem. A sua opulenta belleza estava em plena erupção. Notei logo que contava alguns annos mais que Claudio, mas não me admirei do enthusiasmo do rapaz.

No que respeita aos encantos de sua pessoa, nada tinha que exprobar a Judith; e facil era ver que estava loucamente enamorada de meu irmão. Isto fez que eu de bom grado repudiasse todas as minhas objecções, e felicitei-o cordialmente por haver conquistado semelhante creatura.

Mas, extranho acharão, no meio da sua nova felicidade, meu irmão estava longe de ter a alegria que tinha antes. Elle, o mais gracioso, o mais folgazão dos homens, parecia taciturno, sombrio e preoccupado. E, cousa curiosa, esta mudança notava-se principalmente quando estavamos na presença da sr.ª Despard. Falava e mostrava-se muito amavel, como bom enamorado; mas havia no seu todo algo que me enleava deveras. Imaginei que estava inquieto pela impressão que a sua formosa promettida causaria a seu irmão mais velho, a quem tanto queria e respeitava.

Mais se radicou a minha idéa, quando nos achámos sós e pude confessar-lhe livremente a minha admiração pela belleza da sr.ª Despard, o que o reanimou a valer. Estivemos até muito tarde a conversar do passado, do presente e do futuro.

— Quando tencionas casar-te? lhe perguntei.

— Dentro de quinze dias ou tres semanas. Nada ha que nos obrigue a esperar mais tempo. Judith é só. Não tem amigos que consultar. Uma manhã iremos muito tranquillamente á egreja, e tudo ficará concluido.

— Muito bem; has de deixar-me ir comtigo. Desejo ver-te até o fim.

— Da melhor vontade. Mas serás tu a unica pessoa, a não querer Mary honrar-nos com a sua presença.

Mary era minha mulher; mas estava toda entregue aos filhos, e não me parecia que ella pudesse fazer a viagem.

— Fixarei um dia o mais proximo possivel, ajuntou Claudio. Não me acho bem de certo tempo para cá. Preciso mudar de ares.

Interroguei-o ácerca do mal de que se queixava. Apenas pude saber que tinha trabalhado de mais e se sentia um pouco anemico.

Receitei-lhe um tonico, e concordei em que lhe faria muito bem a mudança de ares.

Quando cheguei a casa, minha mulher censurou-me o meu desazo. Parece que o que eu devia ter feito, era informar-me dos antecedentes, das relações, dos paes, da posição, dos costumes e do caracter da sr.ª Despard; em quanto unicamente podia dizer d'ella que era formosa, viuva, de limitados haveres, e que pagava a Claudio adoração com adoração.

— Sim, sim, disse M. Morton desdenhosamente; és como todos: em vendo uma cara bonita não perguntam mais. Pois eu tremo por Claudio.

Reflectindo, com effeito, senti-me envergonhado e culpavel: ignorava o que fosse Despard! Entretanto Claudio não era já uma creança; pouca probabilidade havia em que um conselho fraternal o desviasse da sua resolução.

Alguns dias depois escreveu-me a dizer me que o casamento se realizaria a cinco do mez proximo.

Tractei de dispôr as minhas cousas para poder assistir ao acto; mas tres dias antes da data indicada tive uma nova carta. Postergava quinze dias o casamento. Nenhuma razão dava d'esta delonga. Apenas accrescentava que tinha desejo de ver-me e seria commigo no dia seguinte.

Veiu, como promettera. O seu aspecto assustou-me. Parecia cansado, abatido e presa de alguma desgraça. O meu primeiro pensamento foi que tinha feito maus negocios.

O olhar era o de um homem que se sente a dois passos da ruina. Depois de dar-lhe as boas vindas, conduzi-o ao escriptorio afim de sahir da minha anciedade. Ia principiar a interrogal-o quando, encarando-me:

— Frank, meu velho, me disse com um ar de supplica e diligenciando esboçar um sorriso, não zombes de mim.

Zombar d'elle! seria a ultima cousa que poderia occorrer-me.

Apertei-lhe a mão em silencio.

— Não me acreditarás, bem o sei, continuou; eu mesmo não posso crel-o. Frank, estou enfeitiçado!

— Enfeitiçado!

O meu dever era sorrir, não porque estivesse disposto á alegria, mas para demonstrar ao pobre rapaz o absurdo da sua idéa.

— Sim, enfeitiçado. A palavra parece ridicula, mas não posso encontrar outra. Sim, enfeitiçado!

— Quem te enfeitiçou?

Approximou-se de mim e tomou-me o braço. A voz pôs-se-lhe grossa e rouca.

— Uma cousa espantosa, sepulcral, terrivel! Isto mata-me. Isto vem collocar-se entre mim e a minha felicidade. Tenho luctado, lucto contra este terror. Tenho mofado da minha propria loucura. Tenho raciocinado friamente. Mas em vão, em vão. Desapparece, mas volta.

— Estás rendido pelo trabalho; é a insomnia, muito charuto... Se estivesses habituado a beber, ajuntaria, excesso de estimulantes e insufficiencia de alimentação... Mas emfim que te atormenta? tens algum desgosto particular?

— Está claro, tenho um, volveu com impaciencia. Não te disse que isto me matava?

— E que é que te mata?

Levantou-se e passeou pela casa em grande excitação. De repente parou e segurando-me de novo pelo braço:

— Uma cabeça, respondeu espantado, uma cabeça de homem; uma cabeça assombrosa, livida, que me apparece. Uma mascara horrivel, com as feições contrahidas como pela agonia; uma cabeça pallida, horrorosa!... a morte, ou a proximidade da morte inscripta em cada linha do rosto; todas as feições contrahidas; os olhos fóra das orbitas; as veias do pescoço tumidas como por uma lucta desesperada; os compridos cabellos escuros pegados pelo suor; os labios delgados a agitarem-se, a entreabrirem-se... Aquelles labios amaldiçoam, se bem que não ouço o que dizem. Porque vem para mim essa cabeça? Porque? Quem é esse morto que quer a minha vida? Frank, meu irmão, quer isto seja doença quer seja doidice, cura-me, senão deixa me morrer!

As suas palavras, os seus gestos gelaram-me de horror. O mal era maior, muito maior que eu receava.

— Claudio, observei, estás a dizer tolices. Curar-te? Certamente que te hei de curar. Senta-te. Socega e dize-me como te vem essa allucinação.

— Como vem! Junta-se nos cantos, toma forma; com um ar terrivel olha-me de cima, de baixo, de toda a parte! E é sempre a mesma cabeça agonizante, livida, espantosa, que ameaça, que maldiz, que escarnece ás vezes: Frank, porque vem?

Já tinha dicto ao pobre rapaz por que vinha; mas era inutil reproduzir as minhas razões.

— Quando te apparece ella? lhe perguntei; de noite? nas trevas?

Vacillou e pareceu perturbado.

— Não, de noite nunca. Só de dia. E é isso que me causa um horror supremo. De noite, poderia julgar que fosse um pesadelo. Frank, acredita-me, não sou um espirito fraco. Tenho luctado semanas contra semelhante phantasma. Sinto-me vencido. Espanta-o ou enlouquecerei.

— Espantal-o-hei, meu velho, convence-te. Dize-me: vêl-o agora?

— Agora não, graças a Deus!

— Viste o hoje?

— Não; tenho estado livre d'elle.

— Bem, ámanhã tambem estarás livre, e depois e sempre! Vem falar a Mary e ás creanças. E' verdade, não te pedi noticias da sr.ª Despard.

Uma expressão singular lhe passou pelo rosto.

— Creio que está cada vez mais bella, disse; e pegando-me na mão em seguida: Ah! Frank, livra-me d'esta horrivel visão, e serei o homem mais feliz da terra!

— Com toda a certeza; respondi, com mais confiança talvez que a que sentia.

Embora eu mostrasse prestar pouca attenção ao doente, o seu estado inquietava-me deveras. Apressei-me a submettel-o a um tractamento rigoroso. Pul-o ao regimen mais estricto; prescrevi-lhe o alimento mais simples; reduzi-lhe sem dó a ração de tabaco. Passados tres ou quatro dias fiquei encantado de ver que o meu diagnostico fôra exacto. Claudio recobrava rapidamente as forças. Em menos de uma semana pareceu-me que havia recuperado de todo a saude.

Decorria o tempo. Claudio ainda não tinha falado de partir; e comtudo, a não haver nova protelação, devia casar-se no dia dezenove. Não o aconselhei a que retardasse o momento feliz. Achava-o tão bem que me persuadi que nada melhor eu podia fazer que deixar as cousas seguirem seu curso. Estava seguro de que um mez de descanso, passado na companhia da mulher que amava, completaria a cura e desterraria para sempre a funesta allucinação nascida n'elle pelo excitamento do seu systema nervoso.

Era evidente, a julgar pela absoluta pontualidade da sua volumosa correspondencia, que a mais completa harmonia reinava entre Claudio e Judith Despard. Todos os dias elle recebia e escrevia uma extensa carta. Não obstante, só a dezeseis do mez pude saber com exactidão as suas intenções a respeito do casamento.

— Frank, disse-me elle, tens sido muito bom para commigo. Creio que me salvaste a vida ou pelo menos a razão. Queres fazer mais alguma cousa em meu favor?

— Dar-te-hia até metade do meu reino, respondi a rir.

— Envergonho-me do que sinto, mas affirmo-te que tenho positivamente medo de ir a Londres. Em todo caso não quero estar alli senão o tempo estrictamente necessario. Em summa, devo chegar á cidade na quinta feira pela manhã para me casar. Julgas-me curado Frank? accrescentou bruscamente.

— Palavra de honra que sim. Se cuidares de ti, não tornarás a ser atormentado como eras.

— Mas porque tenho um tal terror a Londres? Não importa; adeante. Partirei quarta feira no expresso da noite, para estar alli apenas algumas horas. Queres fazer o que te peço? Segue para Londres na quarta feira de manhã e explica a Judith por que é que já não a poderei ver senão na egreja.

— Da melhor vontade, se assim o desejas; mas não seria mau que lhe escrevesses.

Continúa.

LICÇÕES DE PHOTOGRAPHIA

XXVII

Muitas vezes, as objectivas das machinas photographicas, em virtude de cobrirem um espaço maior do que o da chapa, fazem com que o cône de luz, penetrando na camara e reflectindo-se, produza uma luz diffusa, o que occaziona a formação de um pequeno velo sobre a chapa, e, por conseguinte, d'este facto, pode provir um máu resultado, nas provas photographicas.

Afim de obstar a esses inconvenientes, aconselhamos collocar deante da objectiva, um diaphragma de madeira, metal, ou mesmo de cartão.

— Colloca-se a camara, em foco, bastando, em seguida, approximar um cartão de visita, da lente objectiva até que se constate a sua presença junto ás margens do vidro despolido.

Ter-se-ha a dimensão do diaphragma medindo a distancia entre esse cartão e o centro da objectiva.

XXVIII

Mais um novo revelador: o *edinol*. E' um pó amarello escuro, dissolvendo-se facilmente na agua. Para o utilizar na photographia, é necessario por meio de um alkali, que pode ser a soda ou potassa caustica, libertar a base d'esse producto.

A combinação do edinol com a potassa caustica é capaz de revelar os instantaneos, sendo preferivel ao mentol ou radinol, em virtude da sua grande solubilidade.

As formulas a empregar, para a revelação por este processo são as seguintes:

A) Aguas........................ 100^{cm^3}
Sulphato de soda.............. 10 gr.
Edinol........................ 1 »

B) Agua......................... 80^{cm^3}
Carbonato de potassa......... 40 gr.

C) Agua......................... 100^{cm^3}
Carbonato de soda............ 10 gr.

Tomando 80^{cm^3} de solução A, e 20^{cm^3} de solução B, podemos obter os negativos brilhantes.

Para os negativos brandos utilisam-se partes eguaes de soluções A e C.

Para os instantaneos, devemos empregar, 2 partes de solução A, uma de B, e uma parte de agua.

METEOROLOGIA

Maio de 1902

Observações diarias

Dias	Barometro	Temperaturas extremas	Céu	Vento	Chuva
	mm	° °			mm
1	766,3	22,0-11,9	Alg. Nuvens	N	0,0
2	764,7	22,9-12,2	»	»	0,0
3	764,0	19,9-11,4	P. Nublado	NNW	0,0
4	765,3	15,9-11,6	Nublado	»	0,0
5	764,8	18,2-12,0	Alg. Nuvens	N	0,0
6	763,8	22,7-12,6	»	NE	0,0
7	764,0	22,7-12,7	»	NNE	0,0
8	767,0	18.8-11,3	Limpo	»	0,0
9	766,4	17,4-10,7	»	N	0,0
10	764,0	17,0-10,0	P. Nublado	»	0,0

CHRONICA METEOROLOGICA

Durante a desena, foram grandes as fluctuações da temperatura. Em 1, o thermometro que, em Lisboa, attingira 22°,0, e em 2, chegára a 22°,9, baixou rapidamente a 19°,9 em 3, e a 15°,9, em 4, subindo novamente em 5, a 18°,2, em 6 e 7, a 22°,7, para de novo descer durante os dias seguintes. As minimas thermometricas oscillaram, como se vê, no quadro acima entre 10°,0 e 13°,0. Predominou, durante a dezena, o vento N, com ausencia completa de chuvas. Apenas em 6, se registou, em Faro, 5mm,2.

Nenhum indicio de nuvens, nos dias 8 e 9.

Em todo o reino, se observou um facto analogo, chegando a temperatura a descer até 0°, na Serra da Esrella, a 4° em Regoa, a 6° em Campo Maior e a 6°,4 em Coimbra.

Recebemos e agradecemos:

A proposito do tratamento da calculose vesical — *Dissertação inaugural apresentada e defendida perante a Escola Medico-Cirurgica de Lisboa por Augusto Gervasio Lobato do Carmo — Interno dos Hospitaes. Typ. Baeta Dias, Lisboa 1901.*

Em 1 de julho de 1901 defendeu esta sua these o nosso sympathico amigo sr. A. Lobato do Carmo, sobrinho querido do mallogrado director e chronista que foi d'este periodico, Gervasio Lobato.

O novel medico revella na sua prova final do curso a mais lucida intelligencia e um perfeito conhecimento da especialidade a que se dedicou. O sr. Lobato do Carmo defendeu brilhantemente esta sua these perante o respectivo jury, que lhe conferiu approvação plena.

Ao novo medico agradecemos a offerta que nos fez em tempo do seu interessante trabalho.

Pela Liberdade — *por Bernardino Machado — Imprensa da Universidade — Coimbra. 1901.*

No mais acceso da questão religiosa, que tão vivamente agitou a França, a Hespanha e Portugal, e que ainda se torna perturbadora, appareceram, como é natural, varios folhetos, contendo manifestos e espa-

2.ª EXPOSIÇÃO DA SOCIEDADE NACIONAL DE BELLAS ARTES

PROJECTO DE UM CAES — Do sr. J. A. Soares

lhando opiniões nem sempre correctas e confessaveis. D'entre essas publicações uma se distinguiu com honra para o seu auctor e proveito para os que a leram, graças á bôa doutrina n'ella contida e sua formosa exposição.

Pela Liberdade é um brado mais que patriotico, é humanitario e universal. Ensina como a questão religiosa não é outra senão a chamada questão social, fundamentalmente uma questão de liberdade, de reivindicação da liberdade de trabalho e da liberdade de economia.

E n'esta orientação, escreveu o sr. conselheiro dr Bernardino Machado umas trinta paginas, cheias de bellos conceitos que tornam o folheto da mais agradavel e instructiva leitura.

Pedrouços — *Noticia historica e descriptiva por Francisco Simões Ratolla — Lisboa, 1901.*

Temos presente o primeiro fasciculo de 16 paginas d'esta noticia historica do logar de Pedrouços, não sabendo se se continuou a publicação de tal obra que parece dever ser extensa a ajuisar pelas quatro paginas de dedicatorias com que o auctor a enriqueceu. Nas *Breves palavras* com que precede o seu curioso estudo escreve o sr. Ratolla:

«Publicando este livro, que intitulamos *Noticia historica e descriptiva*, pensamos cumprir um dever, não só por ser *Pedrouços* um sitio ameno e escolhido pela hygiene para muitissimas familias irem veranear, como tambem por ser o *logar que foi nosso berço.*»

Assaz louvavel, pois, o intento do auctor.

Relatorio e Contas *do asylo dos orphãos desvalidos da freguezia de Santa Catharina — Lisboa 1901.*

Este relatorio foi lido na sessão solemne do 43.º anniversario da inauguração do mesmo asylo em 1 de janeiro de 1901 e distribuido por occasião do anniversario seguinte. Encerra os discursos pronunciados em tão sympathica festa e as contas da respectiva administração, que nobremente se tem esforçado por manter na devida altura a antiga instituição.

A aldeia Curtorim *(Memoria historica) por Lubin Peres da Costa — Fasciculo I — Typ. Rangel — Bastorá — 1902.*

A pittoresca e populosa Aldeia de Curtorim é a mais extensa d'entre as das Velhas Conquistas do Estado da India Portugueza, e o auctor, que ahi nasceu, dedica-se n'esta sua memoria a fazer-lhe a historia. O capitulo I trata da situação geographica, limites, origem do nome e aspecto geral em diversas epocas do anno da mesma povoação. O capitulo II descreve a respectiva divisão em bairros e em freguezias; communidades e vangores que a compõem, com menção de familias, egrejas, etc. e anedoctas e variedades referentes ao assumpto, pelo que promette ser obra interessante e curiosa.